

O processo de adesões

GAZETA DE SÃO PAULO

por Milton Coelho da Graça
de Nova York

Em dois dias — terça-feira e ontem —, as adesões ao "jumbo" de US\$ 6,5 bilhões recebidas pelo comitê assessor dos bancos credores do Brasil não somavam US\$ 13 milhões. Na segunda-feira à noite, o total geral era de US\$ 6,407 bilhões; terça à noite, de US\$ 6,411 bilhões; e, ontem, informações de fontes confiáveis davam conta de que ainda não havia sido ultrapassada a marca de US\$ 6,42 bilhões. Faltam US\$ 80 milhões apenas, mas, como uma fonte com acesso ao comitê disse a este jornal, "quanto mais perto chegamos do fim, mais difícil fica convencer os que faltam".

(O editor Reginaldo Heller apurou ontem, no Rio, que a condição negociada pelo BC para que bancos de países com problemas de dívida externa — como o México ou a Venezuela — participem do "jumbo" de US\$ 6,5 bilhões é de que os bancos brasileiros que te-



Affonso Celso Pastore
nham em carteira títulos da dívida desses países também participem de seus programas de refinanciamento dos débitos externos.)

A nevasca que caiu ontem sobre Nova York fechou o aeroporto, e o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, não pôde ir a Washington como planejava. Passou nova-

Círculo Externo

mente o dia numa sala de reuniões ligada à sala de William Rhodes, presidente do comitê e "senior" vice-presidente do Citibank, ligando para os banqueiros "resistentes" e procurando convencê-los a participar.

A lentidão das respostas aparentemente não abateu o ânimo de Pastore, porque, ao fim do dia, ele distribuiu à imprensa uma curta comunicação sobre o empréstimo "jumbo": "Ainda estamos trabalhando nele. Estamos finalizando o acordo e progredindo rapidamente. A data de assinatura será anunciada brevemente e, definitivamente, será na próxima semana".

O problema poderia ser resolvido pela adesão dos bancos árabes, mas o silêncio e o mistério continuam. Ninguém sabe explicar por que os árabes disseram ao ministro Delfim Netto, do Planejamento, que iriam participar (o ministro afirmou isso pouco antes do Natal, ao voltar da viagem que fez à Arábia Saudita e ao golfo Pérsico)

e depois simplesmente deixaram de enviar os telex. Depois foi a vez de Pastore, que também anunciou, após seu primeiro dia em Nova York, que tudo estava acertado com os árabes e que as adesões começariam a chegar no dia seguinte. E nada.

Nem os gerentes de agências de bancos árabes em Nova York têm qualquer explicação. Um deles admitiu ontem, com a maior franqueza, que "não tem a menor idéia do que está acontecendo". Ele informou a um banqueiro americano que tem perguntado quase diariamente à sua matriz o que está ocorrendo em relação ao Brasil, mas não lhe dão nenhuma informação concreta.

Muitas especulações sobre a atitude dos árabes têm sido feitas. Mas a maior parte dos banqueiros simplesmente diz que "os árabes são assim mesmo".

Um banqueiro texano revelou que, em sua área, o sentimento predominante é de aderir ao "pacote" brasileiro, e ele acha que as exceções, se existirem, serão muito poucas. "Mas", ressaltou, "quase todos nós estamos dizendo aos grandes bancos de Nova York que não contem conosco da próxima vez, se a situação não melhorar substancialmente." Ele explicou que "as oportunidades parecem muito mais atraentes no México" e que, em relação ao Brasil, a tendência na região é de que "algo novo" precisa ser feito.

O ministro da Fazenda, Ernane Galvães, disse ontem que a centralização do câmbio no BC só acabará em meados de fevereiro, quando o País receber a primeira parcela de US\$ 3 bilhões do "jumbo" de US\$ 6,5 bilhões.